

Crise ou momento de oportunidade: o esgotamento do parâmetro moderno e a perda de referências no contexto contemporâneo

Salah H. Khaled Jr.*

Introdução

A totalidade está esfapecalhada. Os valores estão em frangalhos. A velocidade destrói pessoas e crenças com assustadora facilidade. O passado demonstra inúmeros fracassos, o futuro parece incerto e ameaçador e o presente, um vazio desprovido de significado. Os paradigmas estão em profunda crise e a perplexidade parece ser a regra, em um contexto que aparenta colocar em questão as próprias bases da sociedade.

Nas últimas décadas temos vivenciado uma crise de grandes proporções, que se desdobra em dois âmbitos distintos, ainda que profundamente relacionados.¹ De um lado, temos uma

* Professor adjunto de Direito Penal, Criminologia, Sistemas Processuais Penais e História das Ideias Jurídicas, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutor e Mestre em Ciências Criminais (PUCRS). Mestre em História (UFRGS). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (PUCRS). Especialista em História do Brasil e Licenciado em História (FAPA). Líder do Grupo de Pesquisa Hermenêutica e Ciências Criminais (FURG/CNPq).

¹ A problematização aqui proposta tem como inspiração a obra *O Eterno Instante*, de Michel Maffesoli, na qual o autor passeia por uma série de tópicos caros ao tema recorrente da crise em que nos encontramos e da perplexidade dela resultante. Maffesoli define a crise como característica de uma sociedade que não tem mais consciência dos valores que a constituíram

crise paradigmática que decorre da falência das grandes narrativas e dos esquemas explicativos modernos; de outro lado, temos uma crise ainda mais profunda, no âmbito dos valores.² Os dois fatores conjuntamente colocam em questão boa parte das premissas em torno das quais o saber foi tradicionalmente construído: fundamentalmente a nossa própria forma de compreensão do tempo e, em especial, a ideia moderna de progresso, articulada em torno da promessa de construção do paraíso na Terra.

Diante desse contexto surgem duas interrogações: em primeiro lugar, quais são os fatores que contribuíram para a irrupção dessa crise; em segundo lugar, se a crise em questão deve ser efetivamente reconhecida como um momento de oportunidade favorável ao desenvolvimento de inovações significativas ou se a crise é um “entre-lugar”, ou seja, um mero intervalo até que a ordem seja instaurada novamente e com isso reassegurada a tão desejável segurança.

1 A falência das grandes narrativas modernas e dos paradigmas científicos sedimentados

Sem ter aqui a pretensão de esgotar o problema, pode ser dito que as últimas décadas do século XX deram vazão ao ocaso das grandes narrativas explicativas e das ideologias a elas vinculadas, o que vale tanto para o projeto liberal como para o projeto marxista.³

e logo, não tem mais confiança nestes valores. MAFFESOLI, Michel. **O eterno instante: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2000.

² Não é por acaso o título da obra organizada por Morin e Prigogine: “*Uma sociedade em busca de valores*”. Ver MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya (org). **A sociedade em busca de valores:** para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

³ Gauer coloca que “o tempo, hoje, deixou de constituir um princípio de inteligibilidade, como visto pela idéia de progresso, que implicava que o depois era explicável em função do antes. Afundou-se, pois, com as

De um lado, a falência da utopia marxista – com a queda do mundo comunista – foi interpretada por Francis Fukuyama como o *fim da história*, pois para ele estaria provado que o capitalismo democrático seria o sistema superior.⁴ Independentemente da equivocada expressão de Fukuyama, não há como negar que a grande narrativa marxista – ao menos em seu aspecto propositivo – representa um exercício de futurologia que anuncia – que promete – a salvação com a libertação da classe trabalhadora e a construção do paraíso terreno. É claro que isso não invalida a excepcional análise do Capitalismo feita por Marx, que permanece sendo proveitosa. Mas temos que reconhecer que a apropriação utilitária desse discurso mostrou-se conducente a legitimar sociedades brutalmente autoritárias, como pode ser constatado através de inúmeros exemplos do século XX.

Por outro lado, também é preciso dizer que o projeto liberal da modernidade não foi capaz de concretizar suas promessas: a representatividade encontra-se em crise e a estrutura

atrocidades das guerras, dos totalitarismos, das políticas de genocídio, do fim das grandes narrativas. Ou seja, dos grandes sistemas de interpretação que ao pretender dar conta da evolução do conjunto da humanidade, perderam sentido para o novo tempo.” GAUER, Ruth M. Chittó. **Falar em tempo, viver o tempo!** In: Tempo/história. GAUER, Ruth M. Chittó (coord.) DA SILVA, Mozart Linhares (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p.20

⁴ FUKUYAMA, Francis. **The End of History, Five Years Later.** In: History and Theory, Theme issues 34, 1995, p. 27-44. Cumpre destacar que esta noção de tempo é, em si mesma, inocente, pois o tempo é antes descontínuo, intrincado e entrecortado, do que linear. A noção de um “fim” da história é absurda. Aqui parece interessante o pensamento de Maffesoli, que afirma que pretende-se dar finalidade ao que não tem sentido, reduzir a vasta tragicomédia que é a vida social a um tratado de moral. Nesse sentido, justificações *a posteriori* fazem com que ocorra a percepção de linearidade e progresso rumo ao fim certo, enquanto o presente permanece sendo aleatório, algo que a planificação e centralização precisam refutar. O presente é imprevisível e é inútil pretender programá-lo. MAFFESOLI, Michel. **A Violência Totalitária.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

jurídico-política moderna não parece capaz de apresentar respostas satisfatórias aos problemas contemporâneos. Isso sem falar nos inúmeros aspectos perversos do sistema capitalista e no aprofundamento cada vez maior do segmento dos excluídos, pois tudo que interessa é a proliferação do capital, seja através da pura e simples especulação financeira ou através de inúmeras iniciativas de *offshoring* e *outsourcing* que não se mostraram capazes de conter a crise mundial.

Não há exagero em dizer que ambas as perspectivas modernas, a liberal e a marxista, encontram-se esgotadas e esvaziadas de sentido, enquanto grandes relatos explicativos e guias para as ações humanas. Aparentemente o evolucionismo moderno parece ter perdido seu prazo de validade, pois nos conduziu ao vazio. Diante desse esgotamento, para muitos o futuro parece cada vez mais contingente, imprevisível e ameaçador, pois estamos desprovidos de um projeto ao qual podemos nos agarrar.

Para além da questão política, o ideal de racionalidade científica que surgiu no século XVII – e que pautou os grandes projetos modernos, estruturados em torno da ideia de progresso – acabou contribuindo de forma decisiva para a fundação de um discurso que legitimou inúmeras iniciativas instrumentais pautadas por uma lógica de domínio e violência, cuja expressão mais aguda foi o Holocausto. A ciência moderna foi colocada a serviço da destruição, potencializando o surgimento de formas mais eficazes e rápidas de promoção do extermínio do homem pelo próprio homem. É nesse sentido que Gauer afirma que “[...] um conhecimento que se pretendia utilitário e funcional acabou por ser reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o ‘real’ do que pela capacidade de o transformar e dominar”.⁵

⁵ GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo:** para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

O anseio de dominação encontra sua forma mais acabada de cristalização na ambição de verdade que caracteriza o pensamento moderno, uma vez que para a ciência do século XIX, a verdade era mais do que um objetivo a ser alcançado: era uma verdadeira profissão de fé. Daí decorre seu sentido de dogma inquestionável, que atribuiu à ciência a posição mais elevada no edifício do saber. Não é por acaso que Gauer afirma que a busca pela compreensão dos fenômenos por parte dos cientistas da época acabou por sacralizar uma nova crença, a do cientificismo como caminho que conduziria a verdade, através da utilização de metodologia apropriada.⁶ Segundo Ricoeur, “[...] o cientificismo é a intenção metodológica da ciência (do ato científico), mas reassumido por uma pretensão. Essa pretensão é a de assumir para a ciência a função religiosa de salvação”.⁷

O paradigma científico moderno – amparado no modelo das ciências naturais – oferecia uma doce ilusão: através da aplicação de um método bem definido a um objeto devidamente delimitado e circunscrito, a ciência garantiria o acesso a uma nova espécie de verdade, a verdade cientificamente verificável, que invariavelmente conduziria – em um sentido teleológico – ao modelo perfeito de sociedade elaborado pelo sujeito racional.⁸ Assim, razão e ciência seriam

⁶ GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (Org.). **A qualidade do tempo:** para além das aparências históricas. GAUER, Ruth M. Chittó (org). Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 01.

⁷ RICOEUR, Paul. **Verdade e história.** Rio de Janeiro: Forense, 1968. p. 199.

⁸ Como afirma Gauer, “O método experimental científico, na sua preocupação de bem definir os seus objetos, procura, sobretudo, delimitá-los. Assim responde, por um lado, ao ideal de criação de objetos de experimentação reprodutíveis em diferentes laboratórios do mundo, quaisquer que sejam as circunstâncias, e assim responde, por outro, ao ideal de cumulatividade que sustenta a crença num futuro passível de ser planejado e construído pelo método científico.” GAUER, Ruth M. Chittó

as chaves para a construção do paraíso na Terra.⁹ Construía-se um tempo projetivo, em que o futuro seria melhor do que o presente, como a noção de progresso – que passou a ser utilizada no final do século XVIII – tão bem assinala. Gauer define como uma “vontade de verdade” a característica evidente desse paradigma: a associação entre “realidade” e verdade, verdade e busca do visível, do unívoco, do universal e do imutável.¹⁰ Segundo Gauer,

a ciência moderna criou premissas e métodos vinculados a uma verdade totalizante. O conhecimento foi tido como absoluto, cabal, universal e eterno. As premissas que embasaram essa concepção de ciência e que serviram como pressupostos para o direito estão estruturadas na experimentação, objetividade, neutralidade e generalização. Essas premissas se complementam e demarcam o conhecimento científico. A experimentação trouxe a primazia da técnica, a objetividade sustentou o discurso da neutralidade do cientista assim como a do juiz.¹¹

Nesse contexto, a nova visão de história, já laicizada, narrava que a “[...] a evolução não levaria agora à cidade de Deus, mas à cidade ideal criada pelo homem racional. A cidade projetada e estruturada no progresso criaria o paraíso terreno

Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (Org.). **A qualidade do tempo**: para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 2.

⁹ GAUER define que a expressão do termo razão no sentido de ciência pode ser entendida como um “[...] conjunto de regras que um discurso deve respeitar, objetivando conhecer um determinado objeto”. GAUER, Ruth M. Chittó. **O reino da estupidez e o reino da razão**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. pp. 75-76.

¹⁰ GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo**: para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. pp.08-09.

¹¹ GAUER, Ruth Maria Chittó. A ilusão totalizadora e a violência da fragmentação. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) **Sistema Penal e Violência**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 9.

real”.¹² É evidente que esse espaço paradisíaco seria organizado e estruturado de acordo com os interesses dos detentores do poder.¹³ A ciência não era apenas vista como discurso teórico, mas como verdadeiro mecanismo de intervenção direta na realidade, visando os fins que interessavam aos grupos dirigentes: a transição da contemplação para a intervenção conforma a base de como se pensava o mundo moderno. No entanto, como já apontado, os projetos que emergiram a partir de tais pretensões encontram-se visivelmente esgotados, assim como a própria concepção de ciência como meio para a revelação da verdade, que definitivamente perdeu – ou deve perder – seu prazo de validade.

Não é difícil perceber que o pensamento científico tornou-se cada vez mais dogmático e arrogante, assumindo para si a função de revelação da verdade que outrora pertencia à religião e desclassificando todos os demais saberes como inferiores. Trata-se de um estado de coisas que resiste ao diagnóstico de crise dos postulados modernos, pois temos uma tendência constitutiva a equiparar ciência e verdade, desclassificando inúmeras argumentações devido ao fato de não terem estatuto científico. No entanto, ainda que permaneça atual o espírito de canonização da ciência, poucos parecem duvidar da existência de uma crise que coloca em questão boa parte dos fundamentos do modelo

¹² GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo:** para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 3.

¹³ É nesse sentido que Gauer diz que “Não se estranha que a filosofia da história, principalmente após o século XVIII, concentre-se no conceito de progresso, circunscrito pela verdade científica e pretensamente destinado a substituir a interpretação do teleologismo cristão por uma visão profana de história”. GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade e tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo:** para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. pp. 2-3.

científico moderno. O que muda é a apreciação, ou seja, o diagnóstico do fenômeno.

Para muitos é inegável o esgotamento de paradigmas analíticos sedimentados e o reconhecimento de sua insuficiência para o tratamento dos problemas contemporâneos, dada a sua irrenunciável complexidade. Em outras palavras, a sensação de incerteza é uma das características mais marcantes do pensamento científico e filosófico atual, ou ao menos do pensamento científico e filosófico que ousa pensar para além do já pensado.

Por outro lado, para aqueles que esperam o surgimento de um novo paradigma ao qual se agarrar, é como se existisse um grande vazio em função do esgotamento das grandes narrativas modernas; um vazio que clama por ser preenchido. Diante desse contexto, cada vez mais se amplia a angústia causada pela ausência de referências, uma vez que se esvai a sensação de segurança e conforto que era dada por um conjunto de categorias que são verdadeiros pressupostos da modernidade. É no âmbito dessa discussão que surge a problemática do tempo.

Para muitos analistas, a modernidade está superada e nos encontramos na pós-modernidade. Sem estender a discussão desse tópico, concordando com Lyotard, “[...] nem a modernidade nem a dita pós-modernidade podem ser identificadas e definidas como entidades históricas claramente circunscritas, onde a segunda chegaria sempre depois da primeira”.¹⁴ De qualquer forma, o que menos importa é a etiqueta; o que interessa é compreender a sensação de vazio que está sendo experimentada na contemporaneidade.

Parece claro que vivemos em um período de incertezas: de um lado, não somos mais capazes de extrair lições do

¹⁴ LYOTARD, Jean-François. **O inumano**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 34.

passado, e de outro, a ausência de um projeto faz com que o futuro deixe de ser um referencial para um destino melhor. Uma das características mais evidentes da crise seria, portanto, o presenteísmo: o passado e o futuro não nos guiam mais e ficamos entregues a um presente que não tem como ser seu próprio referencial.

1.1 Os regimes de historicidade e a amputação do volume do tempo

A noção de presenteísmo necessariamente remete a uma percepção em relação ao tempo, ou melhor ainda, à história. Para elucidar essa questão, é interessante recorrer ao historiador francês François Hartog. O autor desenvolveu o conceito de regime de historicidade para explicar as maneiras com que, fundamentalmente, uma sociedade se relaciona com o problema colocado pelo tempo.¹⁵ Hartog discutiu a questão a partir de três regimes: antigo, moderno e presenteísta. De acordo com ele, o moderno regime de historicidade passou a preponderar por volta de 1789 – com a Revolução Francesa – sendo que o ponto de vista desse regime é determinado pelo futuro, pela ideia de projeto a ser concretizado. De acordo com

¹⁵ Hartog afirma que “Esta noção que estou propondo aqui difere da de época. Época significa, no meu entender, apenas um corte no tempo linear (de que frequentemente se ganha consciência após o fato e bem depois ela pode ser usada como um recurso de periodização). Por regime, quero significar algo mais ativo. Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma seqüência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência (Erfahrung) do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo. Abre a possibilidade de e também circunscreve um espaço para obrar e pensar. Dota de um ritmo a marca do tempo, e representa, como se o fosse, uma "ordem" do tempo, à qual pode-se subscrever ou, ao contrário, e o que ocorre na maioria das vezes, tentar evadir-se, buscando elaborar alguma alternativa”. HARTOG, François. **Time, History and the writting of History: the order of time.** In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

o regime moderno, a palavra-chave é progresso e a história é entendida como processo, direcionando-se a um fim. Este é, por excelência, o regime de historicidade da modernidade, estruturado em torno do ideal de progresso. Segundo Hartog, com o esgotamento do modelo teleológico moderno, nos últimos vinte anos tem-se experimentado nas ciências sociais certa perplexidade, situação que se tornou ainda mais aguda em 1989, quando a queda do Muro de Berlin assinalou o que pode ser pensado como o fim do moderno regime de historicidade.¹⁶ Esgotado o sentido teleológico, o futuro deixou de ser um guia para nossas ações, o que nos conduziu ao atual presenteísmo.

Mas e quanto ao antigo regime de historicidade? Para explicá-lo, o autor lançou mão do depoimento de Tocqueville, no século XIX: “Quando o passado não mais lança luz sobre o futuro, o espírito caminha nas trevas...”.¹⁷ Ou seja, o antigo regime de historicidade vincula-se ao passado como fonte de orientação para o presente. Da transposição do antigo para o moderno regime de historicidade, ocorreu a superação da *historia magistra* (história mestra da vida) entendida como fornecedora de exemplos para o comportamento no presente, para uma história voltada para o futuro, com sentido

¹⁶ O autor reflete que, quando “[...] chegou 1989, inesperadamente, marcando o fim efetivo da ideologia que sempre se apresentara como o fio de corte do modernismo ou futurismo, e, se minha hipótese ganhar consideração, uma nítida quebra ou mesmo o fim do regime moderno de historicidade. Pelo menos pode-se concordar que temos experimentado nos últimos vinte e cinco anos uma mudança profunda e veloz em nossas relações com o tempo”. HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time**. In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

¹⁷ Hartog explica que “Antes, ou seja, quando a relação entre o passado e o futuro era dominada ou regulada por referência ao passado, com o futuro não reproduzindo o passado, mas não indo além, o espírito sabia para onde estava indo.” HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time**. In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

teleológico, em que seria atingida a cidade ideal, o paraíso terrestre desenvolvido pelo homem racional.

É claro que os regimes de historicidade não são superados de forma linear, pois convivem em certa medida, ou seja, não há transição entre um modelo ou regime que ocorra por completo, erradicando o regime anterior. Na década de 1920, Walter Benjamin tentou romper com a ideia de crença no progresso e de que a humanidade avançaria como um todo, pois percebeu o limite inerente a esse modelo.¹⁸ Os nazifascismos são caracterizados por um regime híbrido de historicidade, no qual se conjugavam o retorno a um passado mítico (a glória dos antigos *reich*) e uma utopia revolucionária. Todavia, como diz Hartog, “de uma tal conjunção pode-se, entretanto, constatar que o futuro ocupava cada vez menos lugar comparado ao presente, que cada vez mais ganhava o primeiro plano: o presente e nada além do presente”.¹⁹ O presenteísmo começava a emergir com força, superando a ideia de passado que orienta e de futuro que define o objetivo a ser seguido pela sociedade.

É no bojo desse movimento de crescente expansão que no século XX o presente assumiu cada vez mais proeminência, de forma a nos encontrarmos atualmente em um regime verdadeiramente presenteísta.²⁰ Hartog constata que “[...]um

¹⁸ Não foram poucos os autores que escreveram sobre a crise da humanidade europeia no período. Destacam-se autores como Edmund Husserl, Sigmund Freud, Karl Kraus, Franz Kafka, Paul Valéry, entre tantos outros.

¹⁹ HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time.** In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

²⁰ Hartog demonstra que “O slogan ‘Esqueça-se o passado’ constitui a contribuição dos anos sessenta para este retiro no presente. Houve então uma estranha combinação entre utopia ou aspirações revolucionárias (assim de orientação para o futuro) com um horizonte estritamente limitado ao presente. “Tout, tout de suite” (Tudo, tudo agora) diziam os muros de Paris em maio de 1968. E logo depois, apareceu a formulação: “Sem Futuro”.

papel determinante foi certamente desempenhado pelas solicitações do mercado, o funcionamento de uma sociedade de consumo, as mudanças científicas e técnicas, os ritmos das mídias, que cada vez mais rapidamente tornam tudo (bens, acontecimentos, pessoas) obsoleto”.²¹ Assumindo essa perspectiva, vivemos em um presenteísmo crescente, no qual a velocidade imprime um ritmo cada vez maior à vivência humana e nos vemos despojados de referências para lidar com um futuro cada vez mais incerto e aparentemente hostil. O presente é um mero fragmento que instantaneamente deixa de existir: resta o passado, que foi e não é mais e, logo, cessou de oferecer significação e orientação para o futuro, situação que gera uma condição inquietante. Como Hartog reflete, “fomos do futurismo para o presenteísmo e ficamos habitando um presente hipertrofiado que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte: sem passado e sem futuro, ou a gerar seu próprio passado e seu próprio futuro”.²² Esse fenômeno foi contemporaneamente constatado por vários observadores, como é o caso de Paul Virilio, que afirma que presentificação da história é um fato, o que significa que a imediaticidade do presente tem primazia sobre o passado e sobre o futuro.²³ Virilio chega a falar em uma amputação do volume do tempo. Ele considera que o tempo é volume e o homem está inserido em três dimensões de tempo cronológico (passado, presente e futuro).²⁴

Vieram desilusões, o fim das esperanças revolucionárias, a crise econômica de 1974, e com eles várias respostas, mais ou menos desesperadas ou por vezes cínicas: o presente, e nada além (diferente do humanista *carpe diem*, ou da valorização do presente por Montaigne). HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time**. In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

²¹ HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time**. In: KVHAA Konferenser 37:95-113. Stockholm 1996.

²² HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time**. In: KVHAA Konferenser 37:95-113. Stockholm 1996.

²³ VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

²⁴ VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

Quais podem ser os resultados concretos da vivência deste processo de amputação? O que pode representar essa experiência para seus contemporâneos e que tipo de reação eles podem ter a ela? Se esse processo é percebido de forma angustiante, como se reconciliar com o problema colocado pela nova percepção do tempo?

1.2 Uma sociedade em busca de valores

Um dos reflexos provocados pelo presenteísmo é um fenômeno inusitado de preservação da memória.²⁵ Trata-se de uma verdadeira febre em que as pessoas buscam se agarrar ao que restou do passado como forma de situar-se no presente e sobreviver à intensidade do movimento de aceleração e mudança.²⁶ No entanto, como diz Hartog, “rememorar e não

²⁵ Pierre Nora define muito bem a questão da aceleração: “Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo de terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais” NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07. dezembro de 1993.

²⁶ Nora faz uma análise precisa do fervor pela preservação da memória: “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade,. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacralizada; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos” NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07. dezembro de 1993.

esquecer é apresentado como um dever pessoal dirigido a cada um de nós. Mas uma tal memória não é transmissão, mas reconstrução: história”.²⁷ Portanto, é preciso reconhecer que há uma diferença irreconciliável entre a história ou historiografia e a memória.²⁸

Por outro lado, ao mesmo tempo em que se tenta preservar a memória, a velocidade tornou-se regra, pois dentro de uma dinâmica de aceleração, a demora torna-se insuportável em todas as instâncias, inclusive no próprio saber. Virílio afirma que a velocidade provoca efeitos devastadores. Segundo ele, “a lógica da corrida, desinvestindo da terra e do mundo, e investindo progressivamente no vetor, promove um verdadeiro assalto à natureza humana”.²⁹ Essa hiper-aceleração provoca um grande desgaste e solicita uma readequação que não pode

²⁷ HARTOG, François. **Time, History and the writting of History**: the order of time. In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

²⁸ Segundo Nora, “a história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”. NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07. dezembro de 1993.

²⁹ VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 12.

ocorrer de forma imponderada, sem o devido cuidado. Desse tipo de reação apressada é que desponta uma intenção de que o processo penal corra desmesuradamente, passando por cima das garantias do acusado, em nome de uma ideologia de celeridade que é incompatível com as regras do jogo. É preciso perceber que algumas dinâmicas são simplesmente incompatíveis com a aceleração que a velocidade está a exigir.

No âmbito do saber os reflexos da aceleração são devastadores.³⁰ Para Virilio, a velocidade é a alavanca do mundo e a leitura dos fenômenos sempre é limitada pela sua velocidade.³¹ Não é por acaso que, como lembra Gauer, é “[...] a lógica consensual como suporte do verdadeiro que sai abalada desta aceleração da experiência e desta mutação ao nível dos regimes de temporalidade”.³² Segundo Lyotard, há um verdadeiro declínio de narrativas de legitimação – não lhe parecendo possível a ideia de consenso universal. Em suma, qualquer discurso, inclusive o científico ou filosófico, é apenas uma perspectiva.³³ Como expõem Gauer e Timm de Souza, “[...] o mundo da aceleração, com suas alucinações, é, em certo sentido, apenas o olhar limitado do que é visível: um mundo que parece ser completo mas é apenas parcial, ou melhor,

³⁰ De acordo com Timm de Souza e Gauer, por exemplo, “a vida é, sem dúvida, movimento inscrito em um tempo socialmente construído. Se a vida é movimento, o equilíbrio que podemos encontrar no movimento é essencialmente dinâmico”. GAUER, Ruth M. Chittó e TIMM DE SOUZA, Ricardo. **Apresentação**. In: A qualidade do tempo: para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. ix.

³¹ VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

³² GAUER, Ruth M. Chittó. **Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo)**. In: A qualidade do tempo: para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 13.

³³ LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 129.

relativo à posição do observador.³⁴ Para Gauer, há um verdadeiro processo de choque entre uma concepção moderna de tempo e “a velocidade com que precisamos readequar nossas classificações, nossas emoções, em função da desmobilização do próprio passado”.³⁵

O futuro não guarda mais esperança, pois as utopias decididamente se esgotaram. Alguns inclusive chegam a dizer que com a falência das utopias, o futuro está morto. Toda essa incerteza e multiplicidade é mais do que o pensamento moderno é capaz de acomodar e representa uma sensação de angústia que se estende para além dos muros da academia. Daí o diagnóstico de crise. O signo da incerteza efetivamente impera, como pondera Hartog:

De qualquer modo, este presente, que venho descrevendo como aparentemente onipresente aparece também no todo inseguro e comporta dificuldades em tomá-lo como sua própria avaliação. Como se fosse incapaz de preencher a lacuna, que ele mesmo abrija, entre a experiência e o horizonte de expectativa. O passado está a bater à porta, o futuro à janela e o presente descobre que não dispõe de piso para ficar de pé.³⁶

Portanto, o presenteísmo é incapaz por si só de oferecer referenciais que restabeleçam a “normalidade” e daí a incerteza diante da complexidade do real, evidenciada pelas falhas do

³⁴ GAUER, Ruth M. Chittó e TIMM DE SOUZA, Ricardo. **Apresentação**. In: A qualidade do tempo: para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. xi.

³⁵ Para Gauer, “a velocidade, que imprime um volume de informação em uma duração temporal quase instantânea dilui, drasticamente, o ponto de sustentação do passado. O dado imediato passa a ser o instante, a duração torna-se secundária, tornando-se o passado, portanto, também secundário”. GAUER, Ruth M. Chittó. **Falar em tempo, viver o tempo!** In: Tempo/história. GAUER, Ruth M. Chittó (coord.) DA SILVA, Mozart Linhares (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 21.

³⁶ HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time**. KVHAA Konferenser 37. pp. 95 -113. Stockholm 1996.

presente.³⁷ Tudo isso gera um grande desconforto, pois a sociedade espera a existência de um projeto. Não é por acaso o título da obra organizada por Morin e Prigogine: “*Uma sociedade em busca de valores*”. Eis a marca, portanto, de uma sociedade carente de um horizonte de expectativa, assombrada por uma crise para a qual aparentemente não há qualquer saída.

2 Crise ou momento de oportunidade?

O cenário que traçamos até aqui é inicialmente pessimista, mas a grande questão a ponderar é se um diagnóstico de crise com conotação pejorativa realmente é apropriado. Em outras palavras, iremos suscitar a hipótese de que estamos diante de um momento de oportunidade, no qual podemos transcender a rigidez dos esquemas explicativos e dos inúmeros projetos que sob o pretexto da salvação, acabam por engessar a vida humana.

De fato, para aqueles que permanecem presos aos

³⁷ É como diz Hartog: “As falhas do presente. Ao mesmo tempo este presente hipertrofiado rapidamente se tornou desconfortável em si mesmo. Ficou muito ansioso por ver-se como já passado, como história. Considere-se, por exemplo, o modo pelo qual a mídia tem que produzir quase diariamente eventos “históricos”. Mas, em termos mais amplos, o presente, mesmo no processo de realizar-se, gostaria de ver-se já ou de uma vez como, por assim dizer, com o olho da história: como um presente, que ainda não aconteceu completamente e já passou. Como um presente que seria para si mesmo seu próprio passado. Por outro lado, e de modo simétrico, está também extremamente preocupado com previsões e predições, isto é, projetar-se no futuro, notadamente por meios de um uso extensivo de pesquisas. Em quem você vai votar nas próximas eleições? o que você acha hoje imaginando o que você achará daqui seis meses, e o que forem os resultados daqui seis meses, eles são já os resultados. A pesquisa é uma ferramenta de previsão do futuro sem, por assim dizer, deslocar-se do presente. É uma fotografia, que de certo modo suprime o tempo. Mas, como sabemos, acontece que as pesquisas se equivocam!”. HARTOG, François. **Time, History and the writing of History: the order of time.** KVHAA Konferenser 37. pp. 95-113. Stockholm 1996.

limites da modernidade, o diagnóstico de crise do conhecimento moderno somente pode ser resolvido através do surgimento de um novo paradigma que possa fornecer o mesmo conforto e segurança que as respostas da modernidade ofereceram outrora. Ocorre que essa percepção é um demonstrativo da incapacidade de compreender a natureza do fenômeno que vivenciamos: a questão não é que as respostas da modernidade se mostraram insuficientes, mas sim, que a própria ideia de uma resposta prévia, de uma grande narrativa que dê conta da tridimensionalidade do tempo e permita o acesso à verdade das coisas, é em si mesma, uma falácia. O real é muito mais complexo do que o relato de respostas prontas da modernidade poderia supor ou do que qualquer relato que pretenda esgotar tal complexidade em prol da previsibilidade e da obtenção da verdade seja capaz de antever.

Sem dúvida, é preferível o reconhecimento do complexo à falsa segurança induzida pelo dogmatismo oitocentista. Não se trata propriamente de uma crise, mas sim, de reconhecer a complexidade e de trabalhar com ela.³⁸ Por outro lado, mesmo que o diagnóstico seja de crise, tais crises não devem ser vistas sob uma ótica negativa, como Heidegger percebeu:

o “movimento” próprio das ciências se desenrola através da revisão mais ou menos radical e invisível para elas próprias dos conceitos fundamentais. O nível de uma ciência determina-se pela sua *capacidade* de sofrer uma crise em seus conceitos fundamentais. Nessas crises imanentes da ciência, vacila e se vê abalado o relacionamento das investigações positivas com as próprias coisas em si mesmas. Hoje em dia,

³⁸ Neste sentido, Gauer e Timm de Souza afirmam que “A complexidade dos pensamentos não pode permanecer estática, mas, segundo o anseio de nossa época – em um exercício de responsabilidade intelectual –, deve catalisar energias hermenêuticas e transmutar os anseios e ansiedades de um momento civilizatório em novas formas de sua abordagem qualificada”. GAUER, Ruth M. Chittó e TIMM DE SOUZA, Ricardo. Apresentação. In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo**: para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. pp. xi-xii.

surtem tendências em quase todas as disciplinas no sentido de colocar as pesquisas em novos fundamentos.³⁹

Como considera Carvalho, “a crença na unidade do discurso e na potência dos métodos científicos forjados na modernidade ofusca o olhar do pesquisador, impedindo-o de perceber a dimensão das revoluções e dos desafios (riscos) contemporâneos”.⁴⁰ É nesse sentido a crítica de Timm de Souza, que denuncia

O “aparato lógico” que, com seu poder de abstração, permitiu o surgimento e o avanço da ciência moderna e da tecnologia, tornou-se para si mesmo um fetiche. De instância crítica da realidade, se converteu em instrumento legitimador de um reflexo da realidade que teria como constitutivo principal a pretensão de se substituir, com vantagem à realidade mesma.⁴¹

Como refere Timm de Souza, os objetos resistem mais à objetificação do que uma certa lógica racionalista idealizante nos acostumou a conceber.⁴² Por isso é preciso romper com um modelo de racionalidade que perdeu a consciência de seus próprios limites.⁴³ Em relação ao processo e ao fascínio perverso pela segurança e pela verdade, isso é mais do que evidente. Como afirma Lopes Jr, “o mundo do processo é o mundo da instabilidade, de modo que não há que se falar em juízos de segurança, certeza e estabilidade quando se está

³⁹ HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo Parte I**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 35.

⁴⁰ CARVALHO, Salo de. **Criminologia e transdisciplinaridade**. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) Sistema Penal e Violência. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 25.

⁴¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 109.

⁴² SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 124.

⁴³ SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 125.

tratando com o mundo da realidade, o qual possui riscos que lhe são inerentes”.⁴⁴ Portanto, o cordão umbilical que nos liga a modernidade deve ser rompido ou, ao menos, tensionado ao limite, o que não se faz sem uma boa dose de sofrimento. Pensando com Lyotard,

este sofrimento, se é que com efeito ele define o verdadeiro pensamento, deve-se ao fato de pensarmos o que já antes foi pensado, o que já está inscrito, e na enorme dificuldade em mantê-lo afastado ou em retomá-lo sob outra forma, para que o ainda não foi pensado possa chegar e inscrever-se aquilo que o deva ser [...] nós pensamos, e fazemo-lo a partir deste mundo de inscrições já feitas, chamemos-lhe cultura, se quiserem. E se pensamos, é porque no entanto existem lapsos nesta plenitude e é preciso encontrar lugar para estas faltas através da limpeza do espírito que permite que outra coisa sobrevenha, outra coisa que ainda falta pensar.⁴⁵

Em suma, o ainda não pensado faz-nos mal, pois sentimo-nos bem entre o já pensado.⁴⁶ O progressivo afastamento da interpretação filosófica e da pluralidade – que foram metas assumidas da ciência moderna – deve ser revisto, para possibilitar a formulação de novos problemas e novas abordagens sobre os problemas já existentes. De acordo com Gauer,

[...] a produção do conhecimento, privado da verdade universal, somente pode ser apoiada mediante uma postura de conhecimento provisório. À idealizada objetividade do conhecimento científico sobrepõe-se o pluralismo de verdades, à necessidade de regras do método junta-se a necessidade de mediação jurídico-política.⁴⁷

⁴⁴ LOPES JR, Aury. (Des)velando o risco e o tempo no processo penal. In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo:** para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 158.

⁴⁵ LYOTARD, Jean-François. **O inumano.** Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 28.

⁴⁶ LYOTARD, Jean-François. **O inumano.** Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 28.

⁴⁷ GAUER, Ruth M. Chittó . Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo:** para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 6.

Segundo Timm de Souza, “a sabedoria filosófica consistiria, assim, em acompanhar o desdobrar-se da temporalidade em que o real se constitui, sem violentá-la em esquemas que, muito úteis para sua inteligibilidade paralisada, pouco dizem da forma de como as coisas realmente ocorrem”.⁴⁸ Segundo Lyotard,

estar apto para receber o que o pensamento não está preparado para pensar, é o que devemos chamar pensar.[...] Pensar é questionar tudo, inclusive o pensamento, a questão e o processo. Ora, questionar requer que algo aconteça cuja razão não seja ainda conhecida. Quando pensamos, aceitamos a ocorrência pelo que é: ainda não determinada. Não a pré-julgamos, nem nos asseguramos dela. É uma peregrinação no deserto. Não podemos escrever sem testemunhar este abismo que é o tempo, quando chega.⁴⁹

Portanto, é necessário partir em busca de um rompimento definitivo com o esquematismo conceitual da modernidade, o qual, embora se apresentasse como o veículo apropriado para a revelação da verdade, promoveu, de fato, um reducionismo violento da complexidade do real. De acordo com Morin, “o universo é um *cocktail* de ordem e desordem, um *cocktail* muito diferente consoante os casos, as condições, os lugares, os momentos...”.⁵⁰ Para ele, “a grande descoberta deste século é que a ciência não é o reino da certeza”.⁵¹ Morin

⁴⁸ TIMM DE SOUZA, Ricardo. Sobre as origens das filosofias do diálogo: algumas aproximações iniciais. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) **Sistema Penal e Violência**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 5.

⁴⁹ LYOTARD, Jean-François. **O inumano**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 80.

⁵⁰ MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. In: MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya (org). **A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 242.

⁵¹ MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. In: MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya (org). **A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 239.

pondera que a questão “o que é o real?” que parecia tão evidente ressurge, e o grande desafio do conhecimento assenta no fato de uma mesma realidade ser simultaneamente contínua e descontínua.⁵² Conforme Timm de Souza, trata-se de uma “[...] multiplicidade na qual o sentido consiste na mútua irreducibilidade entre os sentidos essencial e definitivamente dispersos que constituem o real”.⁵³ O mundo pode ser apenas interpretado; seu conhecimento exato está para além do alcance do ser humano. Para Lyotard, “a matéria não nos pergunta nada nem espera nenhuma resposta nossa. Ignora-nos”.⁵⁴ De acordo com Heidegger, “a realidade é resistência ou, mais precisamente, o conjunto de resistências”.⁵⁵ Timm de Souza constata a questão que agora se coloca: a sobrevivência do real como o que dá o que pensar após a crise da Totalidade.⁵⁶ Como afirma o autor, “[...] uma visão unitária de mundo, baseada, por exemplo, em esquemas exclusivamente científicos, é absolutamente incapaz de fazer justiça ao mundo humano real”.⁵⁷ Para Maffesoli, a vida excede as teorias que a

⁵² MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. In: MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya (org). **A sociedade em busca de valores:** para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. pp. 244-245.

⁵³ TIMM DE SOUZA, Ricardo. Sobre as origens das filosofias do diálogo: algumas aproximações iniciais. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) **Sistema Penal e Violência.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p.6.

⁵⁴ LYOTARD, Jean-François. **O inumano.** Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 20.

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo Parte I.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 276.

⁵⁶ TIMM DE SOUZA, Ricardo. Sobre as origens das filosofias do diálogo: algumas aproximações iniciais. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) **Sistema Penal e Violência.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 7.

⁵⁷ TIMM DE SOUZA, Ricardo. A racionalidade ética como fundamento de uma sociedade variável: reflexos sobre suas condições de possibilidade desde a crítica filosófica do fenômeno da “corrupção”. In: **A qualidade do tempo:** para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004. p. 126.

explicam.⁵⁸

Maffesoli, assim como Hartog, reconhece que uma característica evidente dos tempos tidos como pós-modernos é o presenteísmo. No entanto, diferentemente dos que anseiam pela eventual superação da crise com o surgimento de novos paradigmas, Maffesoli busca trabalhar com e sobre a crise, reconhecendo a complexidade e reportando-se a Nietzsche, em torno do qual estrutura parte significativa de suas reflexões, em *O Eterno Instante*.

Já em uma obra anterior, – *A Violência Totalitária* – Maffesoli percebia que por trás de toda ação reformadora – típica das concepções modernas – o que predomina é a imposição de um “dever-ser” que invariavelmente conduz ao totalitarismo, pois o fantasma do “Grande inquisidor” assume a forma do “mestre-escola”, verdadeiro pedagogo social, encarregado de fazer da vida social algo ritmado pela rigorosa organização de atividades programadas.⁵⁹

Na obra referida, Maffesoli emprega a metáfora do militante para descrever a vida de acordo com parâmetros pré-estabelecidos: é exigida adesão à causa, impondo-se obediência, o que configura um modelo de organização quadriculada da existência. O vínculo do autor com Foucault é facilmente perceptível. No entanto, diferentemente de Foucault, ou indo além dele, Maffesoli vê nessa exigência de homogeneização uma desconfiança do querer-viver social, o que implica na ideia de pedagogia a partir da burocracia, pois a vida é tida como algo sério demais para que as sensibilidades inquisidoras permitam que seja deixada ao bel prazer dos que a vivem. É nesse ponto que pode ser levantada a provocação que ele suscitaria posteriormente em *O Eterno Instante*: o presenteísmo

⁵⁸ MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

⁵⁹ MAFFESOLI, Michel. **A Violência Totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

pode ser encarado como uma emergência de um querer-viver, um abandono da vida engessada pelos paradigmas e grandes narrativas da modernidade.

Sendo assim, o autor questiona: será que a busca desesperada por novos referenciais, por novos guias e paradigmas que ofereçam respostas prontas diante da complexidade pode ser encarada como algo saudável? Será que o que se chama de crise não é apenas o rompimento de uma lógica que ditava os rumos da vida social e que agora começa a ruir por completo?

Para Maffesoli, o presenteísmo provoca uma verdadeira urgência em viver, em canonizar o que existe.⁶⁰ Diferentemente do diagnóstico de crise com conotação negativa, o autor faz uma apreciação positiva do presenteísmo. Nesse sentido, considera que é uma tarefa urgente relatar o prazer, mesmo relativo, em viver a situação precária que é do homem. Para ele, os tempos são de retorno da paixão, o que implica romper com uma concepção de que é preciso sofrer com este mundo, típica de uma civilização estruturada em torno da ideia de culpa. No lugar da culpa, a orgia: não mera histeria coletiva (alienação), mas um querer viver irreprimível, pois mesmo que inconsciente, há uma alegria de viver que é um pouco animal, distinta do moralismo e ascetismo que impregnam os grandes sistemas explicativos. Maffesoli essencialmente sustenta que tais grandes esquemas não são algo do qual se deve sentir falta. Pelo contrário, o autor já havia manifestado anteriormente sua postura – extremamente crítica – sobre o que ele chama de nostalgia da revolução.⁶¹

⁶⁰ MAFFESOLI, Michel. **O eterno instante: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2000.

⁶¹ A partir de tal raciocínio, Maffesoli desenvolve em *A violência totalitária*, uma crítica do que ele chama de nostalgia da revolução, uma atitude romântica ou crença ingênua, que apesar de louvável, não se sustenta, uma vez que a é “forma” revolução que, além da efervescência social e da

No lugar dos grandes esquema explicativos, Maffesoli discute a ideia dos afetos enquanto elementos estruturantes da vida social. Segundo ele, a paixão e a emoção também são estruturantes, porém, movediças, versáteis, dependendo de lugares e situações particulares, sendo simultaneamente causa e efeito do jogo das aparências. Antes que se tenha uma ideia equivocada, é preciso dizer que não se trata de mera substituição de uma estrutura por outra, pois um grande diferencial caracteriza os afetos: não tem pretensão à universalidade e à intemporalidade. Logo, estão inteiramente distantes das tendências objetivistas da modernidade. Ao contrário, são pautados por emoções e sentimentos e provocam um curto-circuito com a concepção ascética de mundo. Concepção esta que como Nietzsche dizia, é típica de uma moral de rebanho.

Maffesoli considera, dessa forma, que não há mais lugar para uma intenção de subjugar o meio social e natural, mas sim, para uma compreensão mais lúdica, que se traduz em uma aceitação do mundo como ele é. Trata-se da ideia de jogo do mundo ou mundo como jogo. Essa concepção parte de uma lógica do efêmero, ou seja, de um reconhecimento da precariedade da existência (no sentido de vida x morte). O reconhecimento, por sua vez, implica um sentido de “viver mais” e também, uma “possessão” por uma força que engloba e ultrapassa. Seu sentido é coletivo, no que também se opõe à pretensão moderna.

Maffesoli propõe o rompimento da dicotomia arte/ciência: postula por uma razão sensível, que seja concreta,

calorosa solidariedade que a constituem em parte, permite, pela circulação das elites e renovação do poder, o aperfeiçoamento de uma estrutura social dominada pela burocracia. Os exemplos de 1789 e 1917 são prova disso. Segundo o autor, a revolução é um meio de reajustamento social que permite, à sombra do tumulto e do ludismo, que um novo poder assente sua dominação. MAFFESOLI, Michel. **A Violência Totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

empírica, e que considere a impermanência e o desejo de usufruir do que o mundo oferece. O autor fala em um hedonismo trágico, que transforma em virtude o vício. Trata-se de um paradoxo fascinante, típico de um apetite de viver, no qual não se desconhece, mas se relativiza: “apesar de tudo, a vida merece ser vivida”. É uma resignação trágica, mas não passiva, um querer-viver em que se ri da precariedade do poder e celebra-se o eterno instante. É um viver aqui e agora, de acordo com a lição do trágico: dar o seu lugar à alegria de viver, fazer da vida uma obra de arte, libertar a sombra, o excesso e constituí-la como cimento do social. Alegria trágica! Alegria que não se preocupa com o futuro, mas em viver, com intensidade e excesso o que se apresenta no momento. Eis aí uma concepção diferenciada da ideia de presenteísmo, agora com conotação positiva.

Para além de um passado que nos orienta ou de um futuro que guia nossas ações, viver o momento, viver o instante. Mas que bela crise esta em que vivemos! A partir desse enfoque, a crise é um lugar, mas não um lugar a ser superado, e sim, desfrutado, o que conduz à ideia de orgia. Orgia que se apresenta não como o resto de uma época primitiva, mas como substrato arcaico a qualquer ser conjunto, verdadeira escritura secreta do ser social. Orgia que ressurge como estrutura antropológica de base, no meio de uma sociedade hiperracionalizada. Para ele, a modernidade é um mero parêntese em meio a um sentimento trágico de existência, caracterizado por um ambiente festivo. Ambiente que agora se extrapola em toda sua diversidade, superando a homogeneização típica da modernidade. Segundo Maffesoli, é tudo isso que uma sensibilidade inquisidora precisa abolir, pois lhe é característico perseguir tudo que não pensa ou não vive, de acordo com a lógica do “dever ser”, de acordo com juízos *a priori*. Eis a lição trágica: viver o eterno instante e, portanto, aproveitar o suposto entre-lugar que a crise representa!

Considerações finais

Como ficam, portanto, os questionamentos iniciais? Se a crise implica um esgotamento de paradigmas e reconhecimento dos limites da modernidade, Nietzsche e Freud já o haviam percebido há muito tempo. Portanto, a novidade parece apenas ser a existência de certo consenso quanto à falência dos relatos explicativos, ou ao menos, de sua insuficiência para o tratamento de fenômenos com alto índice de complexidade. Sendo assim, para além de qualquer nostalgia do não vivido, o que se chama de crise é efetivamente um lugar que deve ser enfrentado como tal e sobre o qual se deve trabalhar a partir de um reconhecimento urgente de sua complexidade. Isso também parece evidente. O que não é tão evidente é o juízo que deve ser feito destes tempos de presentismo, de aceleração, de velocidade, de risco, de incerteza e complexidade. Qual a postura a adotar em uma sociedade em busca de valores?

É claro que uma questão dessa densidade não é condizente com uma resposta que tenha qualquer ambição de verdade, o que não significa que não possamos extrair algumas conclusões parciais do problema que aqui enfrentamos. Nesse sentido, é preciso reconhecer que os regimes de historicidade vinculados ao passado e ao futuro, bem como os grandes relatos explicativos, não fornecem orientação, mas apenas mecanismos para garantir a dominação e matar a diferença. Como tais, não devem ser objeto de nostalgia, mas sim de veemente repúdio. A heterogeneidade está florescendo como nunca nesses novos tempos de redes sociais, de movimentos como o *Occupy Wall Street*, de iniciativas como o *Wikileaks* e de novas formas de resistência e desobediência civil, como o protesto contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre, que não é guiado pelas velhas organizações partidárias, organizadas em torno do ideal de representatividade moderno. São irrupções de inovação em meio à monotonia da

normalidade que devem ser comemoradas, como verdadeiras orgias de insurgência e diversidade.

Portanto, o que pode significar viver no presenteísmo e abrir-se à imprevisibilidade típica da complexidade, na qual a única certeza é o reconhecimento de nossa própria mortalidade? Ora, viver no presenteísmo significa conviver com a incerteza e abraçar a finitude, reconhecer o que sempre esteve aí e que é do humano, apesar das tentativas de erradicá-lo. O que é chamado de crise e vazio poderia ser facilmente chamado de retorno à liberdade e à pluralidade: ao que tudo indica estamos fundamentalmente diante de um novo mundo de oportunidade, que deve ser abraçado e celebrado como tal.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Salo de. **Criminologia e transdisciplinaridade**. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) Sistema Penal e Violência. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History, Five Years Later**. In: History and Theory, Theme issues 34, 1995.

GAUER, Ruth Maria Chittó. A ilusão totalizadora e a violência da fragmentação. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) **Sistema Penal e Violência**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

GAUER, Ruth M. Chittó e TIMM DE SOUZA, Ricardo. **Apresentação**. In: A qualidade do tempo: para além das experiências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade, tempo). In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo**: para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

GAUER, Ruth M. Chittó. **Falar em tempo, viver o tempo!** In: Tempo/história. GAUER, Ruth M. Chittó (coord.) DA SILVA, Mozart Linhares (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

GAUER, Ruth M. Chittó. **O reino da estupidez e o reino da razão**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

HARTOG, François. **Time, History and the writing of History**: the order of time. In: KVHAA Konferenser 37:95 -113. Stockholm 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo Parte I**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

LOPES JR, Aury. (Des)velando o risco e o tempo no processo penal. In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). **A qualidade do tempo: para além das experiências históricas**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A Violência Totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O eterno instante: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2000.

MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya (org). **A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. In: MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya (org). **A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993.

RICOEUR, Paul. **Verdade e história**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

TIMM DE SOUZA, Ricardo. Sobre as origens das filosofias do diálogo: algumas aproximações iniciais. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (coord.) **Sistema Penal e Violência**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais: itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Resumo

O artigo discute a crise contemporânea, ou seja, o esgotamento dos paradigmas e das grandes narrativas modernas, procurando questionar se o momento em questão deve ser encarado como um hiato até que surja um novo conjunto de respostas – um novo projeto – ou se deve ser tido como um momento de oportunidade, no qual a complexidade e contingência da vivência humana possam efetivamente florescer para além da rigidez de qualquer

esquema explicativo ou promessa de salvação terrena. A questão é investigada através de autores como Morin, Lyotard, Hartog, Gauer, Maffesoli, Virilio e Nora.

Palavras-chave: Modernidade. Crise. Progresso.

Abstract

This paper discusses the contemporary crisis and the depletion of major paradigms and modern narratives in order to question whether the present time should be viewed as a hiatus until a new set of responses – a new project – is reached or it should be seen as a moment of opportunity in which the complexity and contingency of human experience can effectively flourish beyond the rigidity of any explanatory scheme or promise of salvation. This issue is investigated through authors such as Morin, Lyotard, Hartog, Gauer, Maffesoli, Virilio, and Nora.

Keywords: Modernity. Crisis. Progress.